

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA**

SOFIA COSME SILVEIRA

**PERSPECTIVAS DE TRABALHO APÓS A GRADUAÇÃO NO CURSO DE
LICENCIATURA EM DANÇA PELA UFRGS**

Questionamentos de uma estudante perante a iminente finalização de um ciclo.

Porto Alegre

2023

SOFIA COSME SILVEIRA

**PERSPECTIVAS DE TRABALHO APÓS A GRADUAÇÃO NO CURSO DE
LICENCIATURA EM DANÇA PELA UFRGS**

Questionamentos de uma estudante perante a iminente finalização de um ciclo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciada em Dança.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Luciana Paludo

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Silveira, Sofia Cosme
PERSPECTIVAS DE TRABALHO APÓS A GRADUAÇÃO NO CURSO
DE LICENCIATURA EM DANÇA PELA UFRGS / Sofia Cosme
Silveira. -- 2023.
50 f.
Orientadora: Luciana Paludo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Graduação em Dança. 2. Licenciatura. 3. Mercado
de trabalho. I. Paludo, Luciana, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos meus pais, e não teria como começar diferente. Abençoada eu sou por tê-los como base, como exemplos e como amigos. Agradeço ao meu pai, Pedro, por todo o carinho e atenção a mim dedicados uma vida inteira, por toda a ajuda em cada trabalho escolar, por cada leitura e revisão dos textos que escrevi, inclusive desse. Pela prontidão, interesse e paciência em cada detalhe! Agradeço pela veia artística herdada e pelo ambiente de arte em que me proporcionou crescer. Agradeço a minha mãe, Angélica, por cada momento e cada gesto de amor e de cuidado que teve comigo durante todos esses anos. Por cada dança e cada coreografia que fazíamos na sala de casa quando eu era pequena. Por me esperar horas e horas enquanto eu estava nas aulas de dança. Por sempre me incentivar a seguir meus sonhos e deixar evidente que não importaria o que acontecesse ela estaria lá para me apoiar. Que sempre quis me ver voar independente da saudade que ela fosse sentir. Agradeço ao meu parceiro e melhor amigo, Bernardo, por todas as vezes que esteve ao meu lado, ouviu minhas angústias, riu das minhas piadas e leu esse TCC. Por todas as vezes que me lembrou do meu próprio potencial e que acreditou em mim. Que me ajudou dando suporte, amor e carinho. Agradeço às egressas que responderam a minha pesquisa e que confiaram em mim e nesse Trabalho para relatar suas histórias. Agradeço a minha orientadora, Lu, por ter topado encarar essa pesquisa comigo, mesmo com pouco tempo. Agradeço todas as sugestões, os retornos super rápidos e os caminhos pelos quais me guiou de forma tão amorosa e humana. Agradeço à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, ao Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS e as professoras e professores que o compõem por me proporcionar uma formação tão completa. Por fim, agradeço a cada professora e professor de dança que tive na minha vida, cada experiência contou para que hoje eu estivesse aqui. Muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa busca discutir sobre as perspectivas de trabalho após a graduação em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir da observação do desenho curricular do referido curso, percebe-se um direcionamento para o mercado de trabalho. Com essa hipótese, foram formuladas algumas questões, com as quais, através de um formulário, buscou-se respostas de egressas do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS que já estão inseridas no mercado de trabalho, a fim de tecer interlocuções e compreender as articulações e trajetórias feitas por elas. As análises das respostas levam em conta as experiências da pesquisadora, com o trabalho em dança. O resultado da pesquisa promove uma discussão sobre a inserção das egressas no mercado de trabalho com a dança e abre perspectivas para que essas questões sejam faladas abertamente, de modo que outras pesquisas possam surgir e se nutrir dessas discussões.

Palavras-chave: Graduação em Dança. Licenciatura. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

This research seeks to discuss job perspectives after graduating in the Course of Dance from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). From the observation of the curricular design of the mentioned course, it is possible to perceive a direction towards the labour market. With this hypothesis, some questions were formulated, with which, through a form, answers were sought from graduates of the Dance Degree Course at UFRGS who are already inserted in the workforce, in order to weave dialogues and understand the articulations and trajectories made by them. The analysis of the responses given take into account the researcher's experiences with working in dance. The result of the research promotes a discussion about the insertion of graduates in the labour market with Dance and opens up perspectives for these issues to be spoken openly, so that other researches can emerge and be nourished by these discussions.

Keywords: Graduation in Dance. Graduation. Job market.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de arquivo pessoal (2002).....	10
Figura 2 – Foto de André Soares/Studio Paragem (2005).....	11
Figura 3 – Foto de André Soares/Studio Paragem (2005).....	11
Figura 4 – Foto de André Soares/Studio Paragem (2006).....	11
Figura 5 – Foto de André Soares/Studio Paragem (2006).....	12
Figura 6 – Foto de André Soares/Studio Paragem (2008).....	12
Figura 7 – Foto de arquivo pessoal (2015).....	13
Figura 8 – Foto de arquivo pessoal (2015).....	13
Figura 9 – Foto de arquivo pessoal (2022).....	14
Figura 10 – Em Defesa Da Profissão Artista #NÃOAADAPF293 (2018).....	31
Figura 11 – Profissão Artista (2018).....	31

SUMÁRIO

1. CAPÍTULO INTRODUTÓRIO.....	09
1.1. Apresentação.....	09
1.2. Trajetória na Dança (background)	10
1.3. Primeiras impressões sobre o curso.....	15
1.4. A pandemia	17
1.5. A disciplina de produção cênica	18
1.6. Do sonho à realidade: minha pesquisa.....	21
2. O CURSO DE DANÇA E O TRABALHO.....	23
2.1. O desenho curricular da Licenciatura em Dança	23
2.2. Universidade Pública e o que vem além das disciplinas	27
2.3. As conexões interpessoais	30
3. POSSIBILIDADES ATUAÇÃO.....	33
3.1. As respostas das egressas ao questionário	33
3.2. Relações de trabalho: valores x ofícios	36
3.2.1 A força de trabalho como mercadoria	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE.....	48

1. CAPÍTULO INTRODUTÓRIO

1.1. APRESENTAÇÃO

Trabalhar com dança ainda é um grande desafio num mundo que valoriza cada vez mais produtos materiais do que pessoas e experiências. Normalmente, para os consumidores, gastar cem reais em uma blusa pode valer mais a pena do que investir o mesmo valor em uma aula de dança. Fazer um curso de dança no ensino superior é ilógico para aqueles que não acreditam na arte como profissão, como forma de educação e como área de conhecimento. Mas e os artistas, bailarinos, alunos, professores, como ficam perante as dúvidas e as incertezas em relação a esse mundo do trabalho que não está posto para nós? Como seguir sendo resistência e criando os meios que tornam possível o trabalho com dança? Como também viver da dança e não só viver para a dança?

Esta é uma pesquisa que se desenvolveu para a conclusão do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela se fez necessária, neste final de ciclo, de modo que eu tivesse subsídios para responder, ou, ao menos, problematizar as questões que apresento no primeiro parágrafo. Em resumo, o objetivo dessa pesquisa se direciona a analisar o campo de trabalho em dança e algumas possibilidades de atuação a partir do Curso de Licenciatura em Dança. Para trilhar esses caminhos indicados pelos objetivos, procedi da seguinte maneira: 1) inicialmente reconhecendo a minha inquietude, diante da iminência do término de minha graduação; 2) em seguida, comecei a observar meu percurso acadêmico e os lugares de discussão sobre o trabalho em dança, que foram marcantes para mim no Curso de Dança da UFRGS; 3) segui com as leituras que dão embasamento para os diálogos com os meus assuntos e, por fim, 4) elaborei uma lista de perguntas e enviei a 11 (onze) egressas do Curso de Dança da UFRGS, para saber de suas percepções em relação ao trabalho que estão desenvolvendo. Nesse sentido, para caracterizar a metodologia da pesquisa, reconheço como uma pesquisa exploratória, uma vez que o objetivo é levantar informações e não obter conclusões estatísticas, o que irei aprofundar no subcapítulo 1.6.

1.2. MINHA TRAJETÓRIA NA DANÇA (BACKGROUND)

Comecei a dançar aos três anos (em 2002) no grupo de danças gaúchas da escolinha em que estudava em Agudo-RS, onde morei desde um ano e oito meses de idade até os cinco anos. Aos seis anos (em 2005), quando me mudei para Tramandaí-RS, iniciei meus estudos em Ballet na escola Tânia Peres. Aos doze (em 2011), troquei de escola de dança e fui para a cidade vizinha, Osório-RS, no Estúdio de Dança Marli Bublitz. Lá pude aprofundar meus conhecimentos em Ballet Clássico e também ter contato com outros estilos de dança, como Jazz e as Danças a Dois. Nessa época, lembro-me de me apaixonar por Danças a Dois e, ao longo dos anos, tornar-me bolsista da escola e até dar algumas aulas, eventualmente, de alguns estilos de Danças a Dois. Concomitantemente, durante os meus doze/treze anos, também tive contato com Dança Contemporânea e Tecido Acrobático no contraturno da minha escola. Aos quinze anos (2014) me afastei das aulas de dança para “focar nos estudos” do ensino médio.

Figura 1 (2002)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora¹

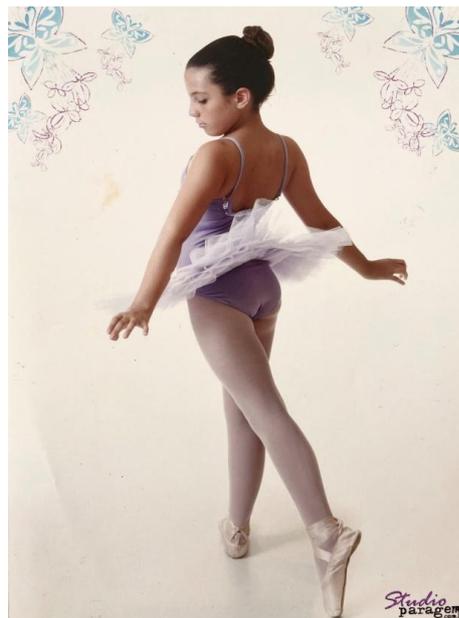
¹ Na imagem aparecem duas crianças de mãos dadas com roupas típicas gaúchas em uma apresentação de escola. A menina, que sou eu com 2 ou 3 anos, veste uma camisa branca com fitas nas cores da bandeira do Rio Grande do Sul, com um lenço vermelho no pescoço e uma saia vermelha rodada comprida até os pés, também com fitas das mesmas cores nas pontas. Ela usa uma tiara de flores na cabeça e está posicionada de lado na foto, de maneira que se pode enxergar seu rosto. O menino usa botas, bombacha, camisa branca com um colete azul escuro, na cintura usa um grande cinto estampado. Ele está de lado olhando para a menina e se pode enxergar seu rosto de perfil.

Figura 2 e 3 (2005)



Fonte: Studio Paragem²

Figura 4 (2006)



Fonte: Studio Paragem³

² Nas imagens 2 e 3 aparece uma menina (Sofia aos seis anos) vestindo figurino de Ballet, um vestido azul claro metalizado com sapatilhas de meia ponta pratas. Ela está fazendo poses de Ballet em um fundo pintado em cores rosadas.

³ Na imagem uma menina (Sofia aos sete anos) vestindo figurino de Ballet, um collant lilás, uma saia tutu lilás e sapatilhas de ponta, faz uma pose de costas com uma perna para trás.

Figura 5 (2006)

Fonte: Studio Paragem⁴

Figura 6 (2008)

Fonte: Studio Paragem⁵

⁴ Na imagem uma menina (Sofia aos sete anos) vestindo figurino de Jazz, nas cores azuis e pretas, posa com as pernas esticadas em grand ecárt em segunda posição, os cotovelos encostados no chão com as mãos apoiando o rosto.

⁵ Na imagem uma menina (Sofia aos nove anos) vestindo figurino de Ballet, nas cores vermelhas e pretas, posa sentada em uma cadeira com as pernas cruzadas, os pés em ponta e as mãos apoiadas nos joelhos.

Figura 7 (2015)



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora⁶

Figura 8 (2015)



Fonte: RBS TV⁷

⁶ A Figura 7 é uma foto do show que meu pai, Pedro Guerra Pimentel, fez em São Lourenço do Sul, onde eu dancei tango com o dançarino Fabrício Alves. Na imagem aparecem os dois dançarinos em uma pose de tango e ao fundo o músico Carlittos Magallanes tocando bandoneon.

⁷ A Figura 8 é uma foto da apresentação que fiz no Programa de TV Galpão Crioulo, da RBSTV, para a divulgação do show do meu pai. Na imagem aparecem os dois dançarinos (Sofia Cosme e Fabrício Alves) em uma pose de tango.

Figura 9 (2022)

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora⁸

Lembro-me do meu período de finalização do ensino médio (2016), quando ainda morava em Tramandaí-RS, e, como a maioria dos estudantes, questionava-me qual curso eu iria prestar o vestibular, ou melhor, qual seria a minha grande decisão para a profissão que eu iria exercer o “resto da minha vida”, pois era assim que eu pensava, e era esse o peso que eu colocava em cima dessa decisão. Sou filha de dois servidores públicos: uma professora, concursada do estado, e um músico, que desde que nasci é oficial de justiça (escolha feita principalmente em busca de maior estabilidade financeira). Ou seja, cresci com a referência em casa de que profissão era o serviço público, onde havia estabilidade financeira.

Meus pais nunca me impuseram nada, sempre fui livre e muito incentivada a ser e querer o que eu achasse melhor para mim. Apesar de crescer dançando, desenhando, pintando e, desde muito pequena, estar no meio artístico dos festivais de música, dos quais meu pai participava, e das apresentações de dança das

⁸ Na imagem, eu estou fazendo uma acrobacia em tecido de cabeça para baixo, com os braços estendidos apontando para o chão, uma perna esticada e a outra em flexão. O tecido é amarelo.

escolas que eu dançava, ao pensar na minha escolha de futuro, pesava mais a questão da estabilidade financeira do que qualquer outra coisa.

Via a minha mãe sofrendo na profissão dela, fazendo o trabalho primordial, que é ser professora, e recebendo muito mal por isto, além das condições muitas vezes precárias de trabalho. E via meu pai, que é músico, que se realiza fazendo arte, mas que teve que buscar no curso de Direito e num concurso público a estabilidade financeira necessária para melhores condições de vida para nossa família. Com isso, eu dizia que faria qualquer coisa, menos ser professora ou artista. Chega a ser engraçado pular para a parte que, em 2018, ingressei no Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1.3. PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O CURSO DE DANÇA DA UFRGS

O Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi criado em 2009, durante o período de implantação do Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). O objetivo do REUNI era ampliar o acesso ao ensino superior no país, através da criação de novos cursos e expansão dos já existentes. A criação do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS foi resultado de um processo que envolveu diversos setores da universidade e, também, resultado da articulação e luta da classe artística e de trabalhadores da dança, que viram nessa ocasião uma boa oportunidade na busca da consolidação da dança como área do conhecimento independente. A dança ser um curso oferecido por uma universidade federal de grande prestígio, como a UFRGS, é um importante marco nesse caminho que ainda estamos trilhando em busca de legitimação.

Desde o meu início do curso, em 2018, eu me fazia perguntas sobre o campo de atuação que eu teria a partir dele, sobre as possibilidades profissionais e sobre como seria a minha vida financeiramente. Eu sabia que o curso me permitia atuar em escolas de educação básica como professora na área das Artes/Dança. Sabia que com ou sem o curso eu poderia trabalhar em escolas/estúdios de dança, mas nenhuma das duas opções me agradava muito na época. Então, pensando em seguir na arte e em ter uma certa estabilidade financeira, coloquei na minha cabeça

que a solução seria seguir uma carreira acadêmica e um dia me tornar uma professora universitária.

Durante os anos de graduação, tive experiências fantásticas, um ensino excelente que me formou como profissional da dança e que me deu muita base para exercer essa profissão. Porém admito que, em vários momentos, eu pensava em desistir, mudar de curso e me culpava por ter escolhido viver da arte e não conseguir vislumbrar um bom futuro financeiro. No meu penúltimo semestre, alguns questionamentos se tornaram cada vez mais altos dentro da minha cabeça. Como os meus colegas se sustentam? Minha área de atuação se limita a ser professora? Vão pagar pelo meu trabalho? Quem paga? O que devo levar em consideração na hora de cobrar pelo meu trabalho? Qual o valor do tempo que eu gasto criando coreografias e/ou sequências que não se encaixam no tempo da hora/aula? Por que, mesmo trabalhando e estudando dança, sinto que profissionalmente não sou levada a sério, que meu trabalho não é válido e que deveria fazer outra coisa para chamar de trabalho? No meu trabalho como monitora da disciplina de Produção Cênica (2022-2), essas questões fizeram parte, muitas vezes, das discussões, mas essa é uma história para eu contar depois.

Nos meus primeiros semestres de licenciatura, cursei a disciplina de Campo Profissional da Dança. Uma disciplina muito importante, mas que, na época, eu não tinha a bagagem necessária para aproveitar tudo que ela me ofereceu. Porém, deu-me um bom panorama de possibilidades profissionais que eu teria com aquele curso que eu havia acabado de ingressar.

O mundo que eu descobri quando me mudei para Porto Alegre-RS e me inseri na universidade pública no curso de Dança era um mundo lindo demais. Era bom estar no meio de tanta gente diferente e parecida ao mesmo tempo, que divergiam em experiências de vida, em culturas, em ideais, mas que se aproximavam na essência, nas vontades, na ânsia de viver a dança, de dançar e de criar. Isso me fez querer ficar, querer viver aquilo, seguir em frente. Apesar de toda incerteza da realidade e do futuro, eu podia compartilhar das angústias com meus colegas que se perguntavam as mesmas coisas que eu, e isso me fazia sentir menos sozinha.

No início do ano de 2020, planejei tentar me inserir mais na cena da dança de Porto Alegre, pois uma das coisas que também me afligia muito era o fato de eu não pertencer a nenhuma escola de dança da capital. Eu via meus colegas tendo

contatos e oportunidades devido a esses lugares aos quais eles já pertenciam e, em comparação, via-me muito fechada no cenário da UFRGS. Isso enfraquecia muito a minha confiança e me fazia crer que para ter oportunidades de trabalho eu teria que primeiro entrar como aluna de alguma escola ou bolsista, pagar para dançar ou trabalhar em troca de aulas, para, daí sim, quem sabe, ter uma oportunidade de retorno financeiro por isso. Porém, foi em 2020 que o mundo parou devido à Pandemia de COVID-19, então, meus planos tiveram que esperar.

1.4. A PANDEMIA

O período de isolamento social foi difícil para todos, não foi diferente para mim. Além de toda a angústia geral que o mundo estava em relação ao cenário que vivíamos, foi nesse período também que aumentaram minhas dúvidas em relação à profissão que eu tinha escolhido. Foi um período de reinvenção e de ressignificar muitas coisas, o que pode até ter um lado bom, mas foi muito mais ruim do que bom. Vi meus colegas na miséria, sem trabalho, sem dinheiro, sem condições de se sustentar. Eu voltei a morar com meus pais em Tramandaí-RS, e agradeço a eles por não ter passado por nenhum sufoco financeiro, graças à estabilidade dos cargos que eles ocupam. O distanciamento social, o distanciamento dos artistas, o distanciamento dos alunos, a distância entre mim e meus pares, tudo isso me fez “pirar”. Inclusive, quase troquei de curso na faculdade. Foi difícil continuar vendo sentido sem estar inserida no meio das pessoas que dão sentido a tudo.

Durante o primeiro semestre de 2020 do calendário da UFRGS de atividades do ERE - Ensino Remoto Emergencial, vivenciado a partir de 19 de agosto daquele ano, comecei a trabalhar no Projeto Dança e Parkinson (DP) como bolsista voluntária, a fim de me aproximar da pesquisa e extensão, visando esse futuro acadêmico que eu buscava, ao mesmo tempo, também participei do GRACE (Grupo de Estudos em Arte, Corpo e Educação) liderado pela professora Aline Haas. O projeto DP é uma atividade de extensão do curso de Dança da UFRGS, que oferece aulas de dança a pessoas com doença de Parkinson de forma gratuita; pesquisa os benefícios disso na qualidade de vida, nos sintomas motores e não motores e na cognição dessas pessoas. Na época, ainda desestabilizado pela Pandemia, o projeto estava em período de testes em relação às maneiras de seguir oferecendo

as aulas da única forma possível naquele momento, de modo online. Então, acompanhei toda a transformação do que era presencial para o online e auxiliei nesse trabalho como bolsista voluntária por um tempo e depois como bolsista remunerada. Apesar do valor da bolsa ser pouco em relação ao tanto de trabalho que eu tinha no projeto, essa experiência foi muito importante para mim. Deu-me bagagem e me manteve conectada ao curso de Dança, a pessoas e ao que eu acreditava como estudante, professora e artista.

1.5. A DISCIPLINA DE PRODUÇÃO CÊNICA

No semestre de 2021/2, ainda em isolamento social, cursei a disciplina de Produção Cênica com a professora Luciana Paludo, no modo ERE- Ensino Remoto Emergencial. Essa disciplina me fez retornar a questionamentos que já havia tido. Sempre achei muito interessante a ideia de produção, mas parecia muito distante de mim, não conseguia vislumbrar o campo de atuação nem o valor em dinheiro deste tipo de trabalho. Aí surge mais uma questão para mim, por que no meio da arte falamos tão pouco em dinheiro? Falar em trabalho, num mundo capitalista, é falar em dinheiro. Falar em dinheiro é falar sobre sustento, qualidade vida, acesso às coisas. Pode ser também uma discussão política, para o campo da dança, de valorização dessa arte na sociedade; valorização dos profissionais.

Foi nessa disciplina também que discutimos e pesquisamos um pouco sobre as entidades representativas da Dança no Rio Grande do Sul, como: o Colegiado Setorial da Dança RS⁹, que é órgão integrante da estrutura do CNPC (Conselho Nacional de Política Cultural) e tem como objetivo debater, analisar, acompanhar, solicitar informações e fornecer subsídios ao CNPC para a definição de políticas, diretrizes e estratégias relacionadas ao setor de Dança; o SATED RS¹⁰, que é o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio Grande do Sul; o Articula Dança RS¹¹, que é um grupo criado para discussões e articulações em prol da dança, composto por artistas, gestores e trabalhadores da

⁹ Disponível em:

<<http://danca.cnpc.cultura.gov.br/#:~:text=O%20Colegiado%20Setorial%20de%20Dan%C3%A7a,pelo%20Secret%C3%A1rio%2DGeral%20do%20CNPC.>> acessado em 07 ago. 2023.

¹⁰ Disponível em: <<https://satedrs.org.br/>> acessado em 07 ago. 2023.

¹¹ Disponível em <<https://www.facebook.com/articuladancars/>> acessado em 07 ago. 2023.

dança do Rio Grande do Sul; a ASGADAN¹², Associação Gaúcha de Dança, que é a instituição mais antiga de representação estadual na área da dança no RS; e o Mapeamento da Dança do RS¹³, que é uma pesquisa com a finalidade de realizar um levantamento de dados para análise da cadeia produtiva da dança no estado. É importante conhecermos as entidades que nos representam como forma de fortalecimento da classe. Não há necessidade de estar ativa em cada uma dessas entidades, mas é primordial ter conhecimento e tentar acompanhar o que se discute nesses ambientes. E foi graças a essa disciplina que eu voltei a minha atenção a esse assunto. Lembro que na disciplina de Campo Profissional se falava um pouco sobre essas entidades, mas também me lembro de, na época, não me chamar tanto a atenção quanto nesse período mais para o final da faculdade, em que eu já tinha um maior amadurecimento no curso e também maior preocupação com o mercado de trabalho.

No semestre de 2022/2, em busca de me aprofundar mais nessas perguntas e nesses assuntos, fui monitora da disciplina de Produção Cênica ministrada pela professora Luciana Paludo, que dessa vez já aconteceu de modo presencial. Pude alinhar melhor minhas dúvidas e tecer as seguintes perguntas: como é o trabalho de Produção Cênica em Dança na prática? O que é o produto desse trabalho? O que é ser uma "produtora cultural"? Essas pessoas trabalham onde? Qual o campo? Como essas pessoas se sustentam? A disciplina contava com o estagiário docente Diego Mac¹⁴. E durante o semestre os alunos produziram um evento para a obra de Luisa Dias da Rosa, cujo trabalho foi resultado da pesquisa de mestrado da artista, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS.

A teia complexa da produção cênica em dança foi muito bem abordada nesta disciplina. Discutimos vários assuntos, pensamos em diversos pontos, e, em uma das poucas vezes que dentro do meio acadêmico eu vi, pensamos muito sobre dinheiro, pois a produção cênica em dança nos remete a isso. É custo, é oportunidade de empregos, é circulação de dinheiro, o que movimenta a economia, a cultura, os espaços e é de grande valia! Uma pena que toda essa movimentação,

¹² Disponível em <<https://www.asgadan.com/>> acessado em 07 ago. 2023.

¹³ Disponível em <<https://sites.google.com/view/mapeamentodancars>> acessado em 07 ago. 2023.

¹⁴ Diego Mac é Artista. Diretor de dança. Coreógrafo. Dançarino. Artista de vídeo. Artista 3D. Produtor e gestor cultural. Doutorando em Artes Cênicas. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/diego-mac-5a535524>> acesso em 01 ago. 2023.

muitas vezes, não chega às pessoas de maneira geral. Inclusive aos próprios artistas. É comum no Brasil e na América Latina, vide a pesquisa Atuar-Produzir de Heloisa Marina (2023), que artistas empenhem todos os papéis dentro da produção sozinhos para criar os meios de seus trabalhos acontecerem: dançam, coreografam, iluminam, criam figurino, procuram patrocínio, contratam teatro, organizam, divulgam etc. Ou seja, os artistas se auto-produzem, e esse foi um tema muito debatido ao longo do semestre.

Não vejo problema em se auto-produzir, na verdade é uma solução nos dias de hoje, que já vem sendo desenvolvida há algum tempo, por grupos e artistas independentes. Vejo problema em ser a única alternativa. Sendo a dança “uma profissão imbricada na engrenagem do sistema cultural, no qual os próprios atores da área são seus agentes legitimadores” (Luz, 2018, p. 59), é de extrema importância que saibamos o valor de cada um desses papéis que desempenhamos para produzir algo, para que saibamos também como cobrar por isso. Senão, corremos o risco de trabalharmos em projetos que demandam nosso tempo de vida e energia, mas por falta de conhecimento e de reconhecimento, com frequência, não recebemos pelo nosso serviço, ou até, mal cobrimos o valor gasto para fazê-los. E isso seria uma desvalorização de nosso trabalho, de nossa profissão.

Como se pode ver, desde cedo me preocupava com a questão do trabalho, principalmente por eu não estar inserida nesse mercado ainda. Foi na metade final de 2022 que tive uma grata surpresa, uma oportunidade de trabalho chegou até mim devido a conexões feitas na universidade. Uma colega, que era minha veterana no Curso de Dança, me indicou para trabalhar como professora na empresa em que ela também trabalhava. E essa empresa era fundada por uma egressa também do curso de Dança, de uma das primeiras turmas. Não consigo mensurar o quão importante e feliz para mim foi esse acontecimento. Além de o trabalho ser muito bom, ter uma relação próxima com duas egressas do curso, neste âmbito profissional, fez-me ver na prática a realidade e as possibilidades dessa formação se materializando.

1.6. DO SONHO À REALIDADE: MINHA PESQUISA

Como reconhece Heloisa Marina em seu livro *Atuar-Produzir*: “É no momento que o sonho se choca com a realidade material desse campo que as perguntas que orientam essa pesquisa se formulam” (Marina, 2023, p. 38). Desse modo, dentro de um panorama prático e objetivo, essa pesquisa busca refletir sobre as perspectivas de trabalho após a graduação em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assegurada pela pesquisa da antropóloga brasileira Ruth Cardoso sobre a não neutralidade da ciência e a própria relação da pesquisadora com o objeto de análise ser instrumento de conhecimento: “Nessas investigações, o pesquisador é mediador entre a análise e a produção de informação, não apenas um transmissor” (Cardoso, 2004, p. 101-102). A análise dos dados coletados em uma pesquisa exploratória qualitativa é feita de forma descritiva e interpretativa, com o objetivo de identificar padrões e temas que emergem dos dados. Levando em consideração o tempo que se tem para fazer um TCC e o quanto o tema escolhido por mim me instiga cada vez mais, o método de pesquisa exploratório qualitativo se adequa muito bem, uma vez que esta pesquisa pode ser útil para identificar hipóteses e questões que possam ser investigadas de forma mais aprofundada em outras pesquisas.

[...] a pesquisa descritiva pode assumir formas distintas, entre as quais se destaca o estudo exploratório, que pode ser designado como o primeiro passo no processo investigativo, levando-se em conta o conhecimento e o subsídio que origina a formulação de hipóteses para pesquisas posteriores. Assim sendo, “os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas [...], restringindo-se a definir os objetivos e buscar maiores informações sobre determinado assunto de estudo” (Cervo e Bervian, 1996, p. 48 apud Pohlmann e Oliveira, 2021. p. 6).

Provocada por todas as questões já citadas anteriormente, pretendo discorrer sobre o tema, utilizando-me das minhas próprias experiências e dúvidas em relação ao assunto, associadas às respostas de egressas do curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, que já estão inseridas no mercado de trabalho, a um formulário com perguntas sobre as articulações e trajetórias feitas por elas. No decorrer da escrita serão trazidos trechos das respostas das egressas de maneira a conversar com os assuntos abordados em cada capítulo; as citações aos trechos das

respostas de minhas entrevistadas, quando forem maior do que três linhas, no corpo do texto, se apresentarão destacadas em letra 11, espaço simples, sem recuo. Enquanto as citações longas de autoras e autores de livros estarão em letra 10, espaço simples, com recuo. As identidades das egressas serão preservadas, por isso, irei nomeá-las com as letras: A, B, C, D, E, F, G e H. As egressas assinaram um termo de consentimento de uso de suas falas, no qual lhes expliquei o teor da pesquisa e informei que suas identidades seriam preservadas. O modelo do termo está no apêndice no final do TCC. Esses termos ficarão guardados comigo pelos próximos cinco anos. Almejou-se que o resultado da pesquisa pudesse promover uma discussão sobre a inserção das egressas no mercado de trabalho com a dança. De certa forma, também almejo abrir perspectivas para que essas questões sejam faladas abertamente, de modo que outras pesquisas possam surgir e se nutrir, a partir do que for discutido nesta pesquisa.

Para encaminhar este capítulo introdutório, informo que o texto deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está dividido em três capítulos. O primeiro, esse que vocês acabam de ler, tem o objetivo de situar as leitoras e leitores nos campos subjetivos e objetivos que motivaram e geraram essa pesquisa. O segundo capítulo versa sobre o Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS em si e sobre as oportunidades que ele oferece de se pensar, discutir e experienciar o trabalho com a Dança. O terceiro capítulo pretende sair do campo da universidade e entrar no campo do mercado de trabalho após a graduação em Dança, visando discorrer sobre as possibilidades de atuação que uma pessoa egressa pode ter. Para finalizar, as Considerações Finais desta pesquisa e as perspectivas que, como pesquisadora, descobri através dela, deixando a porta aberta para que novas perguntas e respostas sejam feitas a partir disso.

CAPÍTULO 2: O CURSO DE DANÇA E O TRABALHO

2.1 O DESENHO CURRICULAR DA LICENCIATURA EM DANÇA DA UFRGS

O Curso de Licenciatura em Dança busca contribuir no desenvolvimento de uma área de conhecimento ainda em consolidação na universidade brasileira, problematizando as relações entre a produção artística, o ensino da dança e a elaboração de conhecimento decorrente da interdependência dessas práticas. Desse modo, não visa somente a preparação para o mercado de trabalho, mas procura questionar e propor formas de atuação num campo de trabalho em construção. (UFRGS, 2012, p.6)

Sempre que uma pessoa leiga me perguntava o que se estuda em uma graduação em dança eu respondia que o Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, a meu ver, estava apoiado em três pilares: o da arte, o da educação e o da saúde, uma vez que a dança envolve tudo isso, ao refletir sobre cada disciplina eu conseguia encaixar os assuntos nessas áreas. Também dizia que há diversas disciplinas que irão abordar mais de um pilar ao mesmo tempo. Explicava assim para que fosse mais fácil o entendimento da complexidade de cada uma das áreas que envolvem o estudo da dança. Vejamos, a seguir, o que a Egressa C comentou sobre o aporte que recebeu na universidade para a atuação profissional que desenvolve hoje, e as disciplinas que ficaram registradas em sua memória:

(...) acho que as disciplinas da área da saúde como estudos do corpo, desenvolvimento e aprendizagem motora qualificaram muito meu trabalho como professora e artista, pois conseguia lidar e compreender melhor meu corpo e por consequência de alunes e de meus parceiros de cena. A disciplina de Gestão em Projetos e a de Produção Cênica, além dos eventos produzidos enquanto fiz parte do Centro Acadêmico da Dança me auxiliaram muito a evoluir as produções que fazia e/ou participava, me ajudaram na época da pandemia para submeter projetos em editais, ajudando assim a ter independência e conseguir colocar as minhas ideias em prática. Qualificando e profissionalizando cada vez mais minha atuação na cena artística. (Egressa C, em resposta ao questionário, 2023).

Ainda assim, para maior aprofundamento no que diz respeito ao curso e ao que ele se propõe, pesquisa-se o projeto pedagógico. Segundo esse documento a organização curricular se embasa em três campos de saberes: campo de saberes teórico-epistemológico; campo de saberes da experiência artística; e campo de saberes da experiência docente. O Campo de saberes teórico-epistemológico conta com disciplinas como: Estudos do corpo; Estudos sócio-culturais em artes; Estudos sócio-culturais em dança; Estudos histórico-culturais em artes; Estudos histórico-

culturais em dança; Análise do movimento; Estudos em estética e dança e Pesquisa em dança. O Campo de saberes da experiência artística conta com as disciplinas: Estudos de corpo e musicalidade; Danças populares; Danças clássica, moderna e contemporânea; Composição coreográfica e Tecnologias aplicadas à cena. Já o Campo de saberes da experiência docente é composto pelas disciplinas: Psicologia da educação; Estudos de aprendizagem e desenvolvimento motor; Organização e políticas da educação; Educação contemporânea; Estágios de docência em dança e Atenção a pessoas com necessidades educativas especiais.

Entende-se que um campo de saber pode se organizar a partir de elementos de mais de uma das áreas do conhecimento, de mais de uma de suas aplicações ou de mais de uma das áreas técnico-profissionais. A proposta curricular considera que cada campo de saber media interações entre diferentes áreas, visando a produção de conhecimento em dança. (UFRGS, 2012, p. 7-8).

As duas disciplinas que citei no capítulo anterior, Campo Profissional e Produção Cênica, pertencem ao campo intersecção de saberes, que conta com as disciplinas: Campo profissional da dança; Seminários de integração; Estudos em corporeidade, dança e saúde; Produção cênica; Gestão e projetos em dança e Trabalho de Conclusão de Curso.

Os três campos de saberes são atravessados por um conjunto de atividades de ensino que buscam suavizar os limites e articular os conhecimentos específicos de cada campo. Estas atividades são reunidas num campo denominado intersecção de saberes. (UFRGS, 2012, p. 8).

Além da organização do currículo em campos de saberes articulados, o documento traz alguns pressupostos em relação ao Curso de Dança: “a articulação Universidade – Escola Básica – Comunidade artística; o ensino e pesquisa orientados pelos problemas prioritários de educação integral; a articulação ensino-pesquisa-extensão; a inserção dos alunos na escola básica e nos diferentes locais de ensino da dança, bem como nos diversos ambientes de produção coreográfica e artística; o incentivo à pesquisa; o uso de tecnologias apropriadas e a educação permanente” (UFRGS, 2012, p. 9).

Pensando na relação do curso com a preparação para o mercado de trabalho, os estágios, por exemplo, preparam a pessoa para atuar como professora. E a Licenciatura em Dança da UFRGS, em sua matriz curricular, apresenta seis Estágios de Docência de Dança, sendo eles: Estágio de Docência de Dança em Ensino

Infantil I – 60h; Estágio de Docência de Dança em Ensino Infantil II – 90h; Estágio de Docência em Projetos de Dança – 90h; Estágio de Docência de Dança em Ensino Fundamental e Médio – 60h; Estágio de Docência de Dança em Ensino Fundamental – 105h; Estágio de Docência de Dança em Ensino Médio – 90h.

Algumas das egressas que responderam ao questionário, quando perguntadas se na universidade receberam aporte para a atuação profissional que desenvolvem hoje, citaram os estágios: “as disciplinas oferecidas pela FACED tiveram um papel fundamental na minha formação como professora, proporcionando uma base sólida de conhecimentos. Mas, foram nos estágios que tive a experiência e aprendizado como professora” (Egressa A, em resposta ao questionário, 2023).

As experiências que tive nos estágios também foram importantes para minha formação como professora. Não há nada que te ensine melhor, em minha opinião, do que viver a situação “na pele”. Lembro-me de estudar e criar planos de aulas incríveis e, no final das contas, quase nem conseguir botá-los em prática. Ou de planejar a aula com uma finalidade e a partir da pergunta de um aluno a aula ir para um caminho completamente diferente e ser muito legal igual. E, até mesmo, as situações mais complicadas que tive medo ou dificuldade, me ensinaram que com o tempo tudo se ajeita e que eu consigo superar obstáculos.

Em outras disciplinas, que aparentemente não estão ligadas de forma direta a trabalho, está implicado o fazer crescer outro tipo de capital, o capital corporal, a expertise de saber compor, improvisar; ser criativo. Isso tem um valor tão importante quanto os outros conhecimentos na hora de se destacar no mercado de trabalho.

O Curso de Dança da UFRGS tem um diferencial em seu currículo, quando pensamos na inserção no mercado de trabalho artístico, que são as disciplinas que envolvem o aprendizado de criação de projetos para submissões em editais, por exemplo, como a disciplina de Gestão e Projetos em Dança. No meio artístico, a criação de projetos para editais é uma possível oportunidade de trabalho.

Aproximando-nos do nosso cenário de estudo, é essencial observar os dispositivos de fomento cultural aos quais temos acesso em Porto Alegre nas três esferas do poder público (federal, estadual e municipal). Podemos classificá-los em dois tipos: direto ou indireto. (Rocha, 2022, p. 34).

Cursei a disciplina de Gestão em Projetos em Dança no semestre 2021/1 em modo ERE, ainda na Pandemia. O professor dessa disciplina foi Márcio Pizarro

Noronha¹⁵ e contávamos com Thainan da Silva Rocha¹⁶ como estagiário docente. Na época Thainan estava escrevendo sua dissertação de mestrado intitulada Mercado Teatral, Formação e Carreira (2022) que hoje utilizo como fonte para esse trabalho. Em seu texto Thainan fala sobre os editais:

(...) os mecanismos de fomento direto são aqueles que financiam os artistas diretamente com verba proveniente de diferentes fundos de cultura mantidos pelo governo. Neste caso, a distribuição dos recursos costuma dar-se através de editais públicos periódicos de ampla concorrência, com critérios pré-estabelecidos. (Rocha, 2022, p. 35).

Em sua pesquisa, Rocha aprofunda e faz críticas a essas formas de fomento, o que não aprofundarei aqui, pois minha intenção é apenas trazer essas informações a fim de delinear o mercado de trabalho da Dança após a graduação. Mas, basicamente, a crítica é a respeito da inversão que o sistema de incentivo impõe, em que a escolha do que será contemplado com o financiamento é feita pelo empresariado que atua como um mecenas, e não pelo artista, como expõe Rocha (2022):

O modelo favorito da política neoliberal é o fomento indireto, no qual Estado concede um incentivo fiscal às grandes empresas dispostas a patrocinar projetos culturais. Os artistas inscrevem seus projetos na LIC (Lei de Incentivo à Cultura) e, se aprovados, devem procurar empresas dispostas a patrociná-los. Como o poder é concedido às empresas e não aos produtores culturais, o fomento indireto funciona mais como uma lei de incentivo ao marketing cultural, onde o empresariado ganha o poder curatorial de decidir o que vai ser visto pelo público. É uma atualização do sistema clássico de mecenato cultural. (Rocha, 2022, p. 34).

Pode-se perceber que o Curso de Dança busca em sua organização curricular uma formação sistêmica ao conciliar as disciplinas ao movimento articulado entre os saberes. Isso aproxima as diferentes áreas que envolvem a

¹⁵ Márcio Pizarro Noronha é professor e pesquisador universitário, psicanalista, escritor, vinculado à Universidade Federal de Goiás com atuação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua no campo de pesquisa interartes e transmidialidades e estudos dos processos de subjetivação na contemporaneidade e, atualmente, escreve sobre a temática das redes de produção e economias dos objetos artísticos e estéticos. É Dr. em Antropologia - USP (1999), Dr. em História - PUCRS (1998), Ms. em Antropologia - UFSC (1992), Esp. em Teoria da Comunicação - Jornalismo - PUCRS, Esp. em História RS - FAPA, Graduação em História - Lic. Plena e Bacharelado - PUCRS (1987). Líder do GP CNPq Interartes Processos e Sistemas Interartísticos e Estudos de Performance.

¹⁶ Thainan da Silva Rocha é artista, pesquisador e produtor cultural independente. Bacharel em Teatro (2018) e mestre em Artes Cênicas (2022) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência em Artes Cênicas, com foco em mercado de trabalho, formação profissional, produção cultural, estudos sonoros e processos multidisciplinares.

dança e diminui o impacto de uma educação disciplinar, permitindo o avanço da produção de conhecimento em arte e integrando os estudantes, na medida do possível, à realidade material do campo. E essa interligação de saberes tem um lugar especial, dentro do currículo, com os Seminários de Integração em Dança I, II e III. Essas disciplinas fazem parte do currículo obrigatório do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS e têm como objetivo integrar os conhecimentos adquiridos pelos estudantes em outras disciplinas do curso. O Seminário de Integração em Dança I é oferecido no início do curso e, de acordo com o plano de ensino, tem como enfoque principal a reflexão sobre as disciplinas do primeiro ano do curso especialmente o campo da epistemologia e da experiência artística. Já o Seminário de Integração em Dança II aborda as disciplinas do segundo ano de curso especialmente na articulação dos campos da experiência docente e teórico-epistemológico. Por fim, o Seminário de Integração em Dança III tem como foco as disciplinas do terceiro ano de curso e a articulação dos campos da experiência artística e da experiência docente, proporcionando aos estudantes a oportunidade de vivenciar situações de ensino-aprendizagem em diferentes contextos educacionais. Essas disciplinas, afirmo baseada na minha percepção ao vivenciá-las, também são espaços do currículo onde os alunos podem refletir sobre o próprio curso em um diálogo entre colegas e professores, chegando, muitas vezes, em considerações que auxiliam na elaboração de melhorias para o currículo, ampliando perspectivas e o tornando mais atual.

2.2 A UNIVERSIDADE PÚBLICA E O QUE VEM ALÉM DAS DISCIPLINAS

O Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS possui um conjunto de programas de docência que são fundamentais para a formação dos estudantes. Esses programas têm como objetivo proporcionar aos futuros professores uma sólida formação teórica e prática, visando à sua capacitação para atuar em diferentes contextos educacionais. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)¹⁷ e a Residência Pedagógica¹⁸ são dois desses programas que

¹⁷Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/pibid-ufrgs/>> acessado em 12 set. 2023.

¹⁸Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coordenadoriadaslicenciaturas/?page_id=27> acessado em 12 set. 2023.

têm como objetivo principal o aprimoramento da formação de professores por meio de atividades práticas e teóricas dentro das escolas. O PIBID é um programa do Governo Federal que oferece bolsas de estudo para estudantes de licenciatura, que atuam como bolsistas nas escolas públicas, sob a supervisão de um professor orientador. O objetivo é proporcionar aos estudantes uma experiência prática e teórica na docência, além de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas públicas. Já a Residência Pedagógica é um programa do Ministério da Educação que tem como objetivo principal a melhoria da qualidade da formação dos professores da educação básica. Os estudantes de Licenciatura em Dança atuam como residentes nas escolas públicas, também sob a supervisão de um professor orientador, desenvolvendo atividades práticas e teóricas. As bolsas oferecidas por esses programas variam de acordo com o edital de cada um deles, podendo ser de valores diferentes. No entanto, é importante ressaltar que o valor das bolsas é sempre estabelecido pelo Governo Federal¹⁹ e não pela universidade ou escola em que o estudante atua como bolsista. Com exceção das bolsas de estágios não obrigatórios, essas podem variar de acordo com o local onde será feito o estágio.

Além desses programas, a universidade federal e o Curso de Dança contam com bolsas de Extensão e bolsas de Pesquisa (Iniciação Científica) que dão oportunidade para o aprimoramento de conhecimentos acadêmicos e desenvolvimento de habilidades em projetos de pesquisa e extensão promovidos pela universidade. A bolsa de pesquisa tem como objetivo financiar o desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas, além de incentivar os estudantes à iniciação científica, para quem busca uma carreira academia é essencial. Já a bolsa de extensão tem como finalidade apoiar projetos que visam à integração entre a universidade e a sociedade, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural tanto dos estudantes quanto da comunidade externa.

No capítulo introdutório desse trabalho, comentei sobre minha experiência no Projeto Dança e Parkinson. Trabalhei tanto na extensão quanto na pesquisa desse

¹⁹ As bolsas tinham o valor de 400 reais por mês. No dia 16/02/23 o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, anunciou um reajuste que varia entre 25% e 200% nas bolsas de graduação, pós-graduação, de iniciação científica e na Bolsa Permanência em todo o país. Os reajustes vigoraram a partir de março de 2023. Disponível em <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2023/02/governo-federal-anuncia-reajuste-em-bolsas-de-graduacao-pos-iniciacao-cientifica-e-bolsa-permanencia#:~:text=Ser%C3%A3o%2053%20mil%20bolsas%20para,%24%20400%20para%20R%24%20700>> acessado em 03 ago. 2023.

projeto. Na parte da extensão, eu lecionava aulas de dança para os participantes do projeto, o que qualificou muito o meu trabalho e me motivou a estudar mais ainda a questão do cuidado ao corpo e a articulação dança e saúde, sem deixar de lado toda a questão artística e de criação que me demandava o planejamento dessas aulas. Na parte da pesquisa/iniciação científica, foi através do projeto que pude experienciar a pesquisa quantitativa, coletar dados, fazer testes físicos, participar de artigos acadêmicos e simpósios. Além de levar trabalhos científicos para diversas edições do SIC (Salão de Iniciação Científica) que é um espaço para a divulgação, a promoção e o acompanhamento de trabalhos de Iniciação Científica (IC) desenvolvidos por estudantes de graduação da UFRGS e de outras Instituições de Ensino Superior (IES).

Pode-se perceber que até aqui já falei de algumas das possibilidades de atuação propostas a partir dessas oportunidades de experiências na universidade, em sua maioria envolvendo a docência, seja em ambiente escolar, seja em ambiente acadêmico, o que faz todo sentido uma vez que estamos situados em uma licenciatura. Contudo, quero trazer também algumas das oportunidades que são oferecidas aos alunos da Dança pela universidade ou por causa da universidade, mas que estão para além da docência.

O CADAN é o Centro Acadêmico do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS e através dele eu pude ter a oportunidade de trabalhar na produção de um espetáculo, que foi o Mix Dance 2019. O Mix Dance é uma mostra de dança que visa reunir produções diversas realizadas pelos alunos do curso, como coreografias feitas para finalização de disciplinas, produções apresentadas e desenvolvidas em estúdios, em escolas de dança, em grupos de dança, em projetos de extensão e em demais espaços acadêmicos e não acadêmicos. Nesse evento, que aconteceu no Salão de Atos da UFRGS, pude trabalhar na gestão e organização no dia do espetáculo, por detrás das coxias. Foi uma experiência incrível e naquele momento eu vi o quanto eu gosto desse tipo de trabalho tanto quanto gosto de estar no palco dançando.

2.3 AS CONEXÕES INTERPESSOAIS

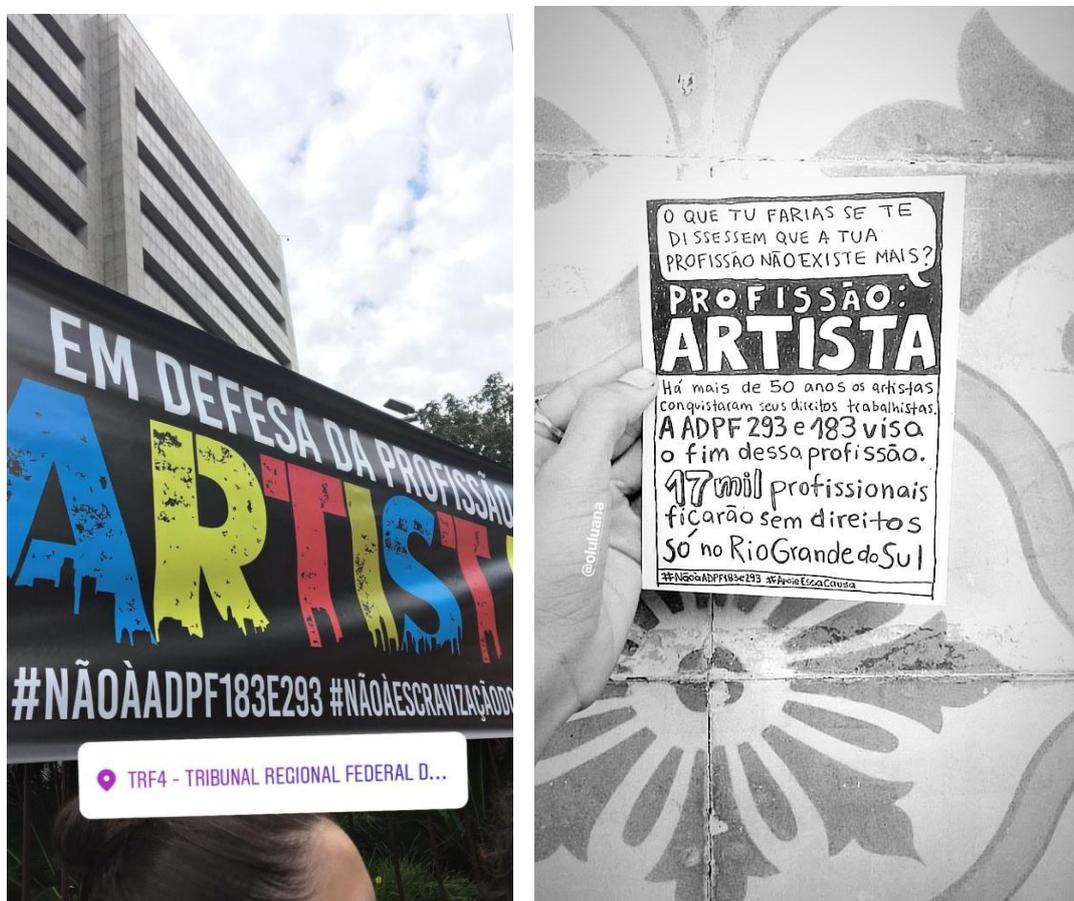
(...) Ao terminar minha formação acadêmica, já estava bem inserida no mercado da dança. Acredito que esse resultado veio da construção de uma grande rede de contatos durante minha trajetória na graduação. Ao longo desse percurso, participei de diversos eventos e cursos, o que me permitiu criar conexões com profissionais do campo da dança, muitos deles eu já conhecia desde a infância. Essas conexões foram essenciais para minha aprendizagem e também abriram portas para diversas oportunidades de trabalho (Egressa A, em resposta ao questionário, 2023).

Opto por começar esse subcapítulo com o depoimento da Egressa A, em resposta à pergunta de “quais foram as articulações necessárias para se inserir no mercado de trabalho”, pois ilustra bem o tema deste subcapítulo. A palavra *Networking* é um termo em inglês que indica a relação entre pessoas ou grupos que compartilham interesses, sejam pessoais ou profissionais, e realizam a troca de informações e de influências. Essa palavra se adequa bem ao assunto deste subcapítulo. Se eu pudesse dar uma dica em relação à universidade para as pessoas que estão ingressando, seria: façam conexões, façam contatos, façam amigos. Na universidade estamos em meio a pessoas dispostas a estarem no mesmo campo de trabalho que nós, e não devemos vê-las como adversárias e sim como companheiras de luta. A dança como profissão é objeto de constante reafirmação e criação de meios para que continue a existir, diferente de profissões consolidadas como nas áreas do Direito, Medicina, Engenharias e Administração, que talvez haja necessidade de competitividade para disputar cargos em grandes empresas. A dança como profissão está em processo de consolidação e nós, profissionais da área, que temos a responsabilidade de levá-la adiante. Além disso, é através dessas conexões feitas na universidade que podem surgir oportunidades de trabalho.

Em 2018, no meu primeiro semestre de faculdade, juntei-me a meus colegas na luta contra a ADPF 293 (Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental) que, se aprovada pelo STF, poderia extinguir o Registro Profissional da categoria dos artistas e desregular profissões da área cultural. Houve uma intensa mobilização de artistas e profissionais da cultura por todo o país e eu, junto a outros estudantes da Dança UFRGS e também do curso de Teatro da UFRGS, no dia 23 de Abril daquele ano, fomos à Assembleia Legislativa de Porto Alegre acompanhar a

votação e fazer pressão contra essa medida. Trago essa lembrança a fim de ilustrar o que venho dizendo sobre conexões de pessoas e a importância de se juntar aos colegas de classe em prol da luta por legitimação.

Figuras 10 e 11 (2018):



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora²⁰

Além do mais, a universidade pode nos proporcionar a aproximação com pessoas que nem iríamos imaginar. Gosto do caráter “pequeno” do curso de dança que, por ser um curso relativamente novo na UFRGS e ter apenas o ingresso de uma turma por ano, pode-se conhecer grande parte dos estudantes e ter uma relação bem próxima com os professores. O time de professores é composto por

²⁰ A imagem 10 é uma foto que tirei da faixa que os artistas carregavam para protestar contra a ADPF 293. Na faixa está escrito: “EM DEFESA DA PROFISSÃO ARTISTA #NÃOÀADPF293”. A imagem 11 é uma foto que tirei dos panfletos feitos pela mobilização contra a ADPF 293, no panfleto está escrito: “o que tu farias se dissessem que a tua profissão não existe mais? PROFISSÃO ARTISTA, há mais de 50 anos os artistas conquistaram seus direitos trabalhistas. A ADPF293 e 183 visa o fim dessa profissão. 17 mil profissionais ficarão sem direitos só no Rio Grande do Sul”.

grandes nomes da dança no RS – e o mais legal, é que muitos dos alunos do curso também são pessoas já consagradas no meio artístico e que buscam ampliar os seus conhecimentos através da universidade. Quando ingressei na universidade, tive um colega muito especial que ingressou no mesmo ano que eu. Na época, eu havia acabado de sair do ensino médio, nem tinha certeza do que buscava exatamente naquele curso e minhas experiências em dança eram apenas aquelas das escolas das cidades que morei. Não conhecia os nomes importantes da história da dança, tampouco os grupos de dança mais famosos do Brasil. Por isso, estava ao lado de Rui Moreira²¹ e não tinha ideia do tamanho privilégio que era estar ali. Fiz trabalhos acadêmicos com ele, dancei com ele, conversei amenidades e peguei carona todas as terças-feiras por um semestre inteiro com ele e outra colega, sem ter a dimensão, inicialmente, de toda a história dele na dança.

Por isso, estar na universidade vai muito além de só o que se lê na súmula de cada disciplina, muitas vezes, é do convívio com as pessoas/colegas/professores que você vai tirar ensinamentos para a vida toda, é das relações que você estabelece com os colegas que talvez surja uma indicação para trabalhar em um local que você nem imaginaria, foi assim que aconteceu comigo e com algumas das egressas que responderam ao questionário.

²¹ Rui Moreira é Bailarino, coreógrafo e investigador de culturas com trajetória profissional de mais de 30 anos, é um dos ícones da arte de dançar no Brasil. Atuou nas companhias: Cisne Negro, Balé da Cidade de São Paulo, Cia. SeráQuê?, Cia. Azanie (França), e no Grupo Corpo. Coreografou diversos elencos dentre eles a Cisne Negro Cia de Dança, o Balé do Teatro Guaíra e a São Paulo Companhia de Dança. Sua formação artística mescla danças modernas, balé clássico, danças populares brasileiras e dança contemporânea africana. Foi agraciado com a “Medalha da Inconfidência” pelo governo do Estado de Minas Gerais, um merecido reconhecimento pela longa e profícua atuação artística e social em todo território do nacional e nos países onde levou os valores da arte e cultura do Brasil. Disponível em: < <https://portalmud.com.br/portal/colunista/rui-moreira> > acesso em 03 ago. 2023.

CAPÍTULO 3: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

3.1. AS RESPOSTAS DAS EGRESSAS AO QUESTIONÁRIO

Desde as primeiras ideias que tive em relação a fazer esse Trabalho de Conclusão de Curso sobre esse tema, imaginei-me escrevendo um texto para alunos que acabaram de ingressar na graduação em Dança. Escrever algo que pudesse ser usado na disciplina de Campo Profissional, por exemplo, lá no primeiro semestre. Pois todas as perguntas que fiz me ajudaram a construir esse TCC, mesmo com muitas delas não sendo respondidas aqui. Contudo, são importantes ferramentas de reflexão e de análise da nossa profissão. Acho importante, também, ressaltar que, por momento algum, essas perguntas que trago no texto questionaram a qualidade do Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS, essa foi uma dúvida que nunca tive. As dúvidas são anseios motivados pelo cenário de fora da universidade, aquilo que nos espera ao finalizar a graduação.

O profissional licenciado em dança poderá atuar nos diferentes espaços de ensino da dança existentes na sociedade, ou seja, nos diferentes níveis e modalidades de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Inclusiva), bem como em ambientes educacionais extra-escolares (escolas de dança, projetos sociais, academias, clubes, grupos e companhias de dança, espaços de produção artística e cultural, serviços de saúde pública, espaços de lazer e outros similares) (UFRGS, 2012, p. 6).

Dentro do panorama criado pelos capítulos anteriores se pode ter uma ideia das possibilidades de atuação de uma pessoa egressa do Curso de Dança. No entanto, umas das minhas principais questões eram: como os meus colegas se sustentam? Essas opções que vejo durante a minha graduação realmente existem no mundo de fora? Conseguirei viver do meu trabalho com dança?

O questionário que é instrumento dessa pesquisa contou com oito egressas do Curso de Dança da UFRGS e dele podemos tirar algumas respostas para essas perguntas. Fez-se contato com onze egressas, apenas três não responderam. Como essa pesquisa não tinha a finalidade de traçar um perfil de egressas fez-se um recorte específico na escolha, baseado no meu interesse pessoal em saber mais a respeito dessas profissionais, para tecer diálogos com elas. Minha orientadora também sugeriu alguns nomes. Tivemos respostas de egressas que se formaram

nos seguintes anos: uma em 2014, uma em 2016, duas em 2018, duas em 2021 e duas em 2023. Devo evidenciar que as respostas ao questionário não espelham toda a realidade de egressos do Curso e que não trago os resultados dessa pesquisa a fim de estabelecer significância quantitativa, pois sei que não tem. Porém, para mim, como formanda do Curso, foi significativo saber das coisas que elas me contaram, por isso, acredito que possa ser interessante para outras pessoas também.

Perguntei a elas se o trabalho com dança era a sua principal fonte de renda, todas responderam que sim, e apenas uma respondeu que precisava de outro trabalho para complementar. Todas exercem a função de professora, e muitas somam com outras funções, como bailarina, coreógrafa, diretora, produtora, gestora, operadora de luz e som e coordenadora artística pedagógica.

(...) Trabalho com dança no currículo escolar há sete anos. Sempre vivi disso. Esse ano eu comecei a dar uma nova disciplina (além da dança): ação social para o ensino médio. Minha primeira vez trabalhando para além da dança (Egressa G, em resposta ao questionário, 2023).

Em relação à modalidade de trabalho que elas se adequavam, duas responderam que são servidoras públicas, três têm carteira assinada e seis são autônomas. Algumas se encaixam em mais de uma modalidade ao mesmo tempo. Pedi para que me contassem, caso quisessem, como eram esses trabalhos, ou quantidade de lugares que elas precisavam trabalhar para completar a renda. Na resposta de uma delas, foi enumerada a quantidade de lugares que ela trabalha de acordo com a modalidade, da seguinte forma:

(...) CLT²² - 1 escola privada (professora de Ballet) - 10h semanais; MEI - 1 escola de educação infantil privada (professora de dança) - 4h semanais; Autônoma - 1 turma de dança - particular em domicílio (professora de dança) - 1h semanal; Autônoma - aulas particulares - coreografia para eventos (professora de dança) - média de 6h-8h semanais (Egressa E, em resposta ao questionário, 2023).

²² A CLT, sigla para Consolidação das Leis do Trabalho, é um conjunto de leis que regulamenta as relações trabalhistas no Brasil. Ela foi criada em 1943 e tem como objetivo proteger os direitos dos trabalhadores, estabelecendo regras para contratação, remuneração, jornada de trabalho, férias, licenças, entre outros aspectos relacionados à relação empregado-empregador. A CLT também prevê a existência de um conjunto de direitos trabalhistas, como a carteira assinada, o FGTS, o 13º salário, o seguro-desemprego e as férias remuneradas, que têm como objetivo garantir a dignidade do trabalhador e a justiça social. É importante destacar que a CLT é um documento vivo, que está em constante evolução em resposta às mudanças sociais e econômicas que ocorrem no país.

A maioria trabalha em mais de um local. Uma das egressas disse que trabalha em três escolas de educação infantil, seis estúdios/espacos de dança e um clube. Outra disse:

(...) Atualmente trabalho em um lugar com CLT no qual sou gestora (supervisora metodológica), bailarina e professora. Trabalho como autônoma para complementar a minha renda, em uma escola infantil e pego trabalhos e projetos que aparecem eventualmente (Egressa C, em resposta ao questionário, 2023).

Perguntei a elas quais articulações foram necessárias para que se inserissem no mercado de trabalho, e se elas consideravam correta a afirmativa que muitas vezes fazemos trabalhos sem cachê para nos inserirmos no meio/cena da dança. Todas as egressas consideraram correta essa afirmativa, mesmo não concordando com esse costume. Uma das egressas trouxe em sua resposta um resumo de sua trajetória, que nos ajuda a entender esses caminhos que ela trilhou, no final, a egressa também traz importantes críticas/reflexões:

(...) Simultaneamente ao curso fui me inserindo ao mercado de trabalho da dança. Iniciei como professora de uma EPD²³, na qual já havia sido bailarina. Lembro-me de passar meses sem receber da Prefeitura, mas naquele momento morava com meus pais e financeiramente não dependia do valor. Logo em seguida fui convidada a ser monitora de uma turma de *baby class* na escola onde eu dançava. Na época o pouco que entrava da monitoria era pra mim algo mágico. Eu não tinha noção sobre o trabalho com dança e essa experiência me deu bagagem para o trabalho como professora. Aos poucos fui entrando no mercado como professora através de indicações. Como bailarina, trabalhei algumas vezes sem cachê. Com o passar do tempo no curso fui reconhecendo o valor do meu trabalho e mesmo que até hoje aconteçam propostas sem cachê decidi não aceitar mais. Lembro-me de discutir sobre isso com uma diretora de escola que achava um absurdo eu querer cobrar para dançar. Lembro-me da última disciplina da faculdade que fiz que a professora sugeriu que deveríamos aceitar trabalhos independente do cachê para ter experiência. Com 18/19 anos eu acredito que isso até fazia sentido na minha cabeça. Sem muita experiência, sem custos de moradia, o valor não era significativo. No entanto, apesar de formada, não sinto uma valorização dos profissionais. Hoje trabalho como bailarina em uma Cia de Dança, mas com a certeza que o valor que entra das apresentações não compensa o deslocamento e o

²³ **A Escola Preparatória de Dança - EPD** “é um projeto de formação em dança que atua integrando Arte/Educação/Desenvolvimento Social. Foi criado em 2014 numa parceria entre as Secretarias Municipais da Cultura e da Educação da Prefeitura de Porto Alegre. O projeto foi formalizado em 2017, pela Lei 12.202 – de 13 de janeiro de 2017. As EPDs atuam em parceria com a Cia Municipal de Dança de Porto Alegre e com a Companhia Jovem de Dança. Funcionam em 5 Escolas de Ensino Fundamental na periferia do Município de Porto Alegre e atendem 300 alunos com formação de 15 horas/aula em diversos estilos de dança no contra turno escolar. A partir de 2022 a OSC Afro-Sul Odomodê passou a ser parceira do Município de Porto Alegre na gestão das EPDs, Cia Jovem e Cia Municipal de Dança, em seu eixo pedagógico.” Disponível em <<https://www.ciamunicipaldancapoa.com/escolapreparatoriadedanca>> acessado em 05 ago. 2023

tempo de ensaio. Nesse caso, sem dúvidas, pago para dançar. Enquanto como professora recebo a mesma hora aula de profissionais não formados. Além disso, no momento em que estou doente ou impossibilitada de ir por causa de ciclones ou chuvas acabo pagando para outro profissional dar aula para mim, sem nenhum respaldo (Egressa D, em resposta ao questionário, 2023).

Nos capítulos anteriores fui trazendo as minhas problemáticas em relação ao trabalho com dança que muito se assemelham e se legitimam no discurso da colega egressa. Na busca por respostas, ou apenas por formas de entender melhor esse mercado de trabalho e o que acarreta na vida das pessoas, procurei, nas teorias sobre trabalho em geral, entender onde que cada ofício que envolve dança poderia se encaixar. Com isso, dou início ao próximo subcapítulo que se valerá das respostas das egressas, das minhas próprias questões e de teorias consagradas, para traçar uma perspectiva que nos leva à discussão dessas relações de trabalho citadas anteriormente.

3.2. RELAÇÕES DE TRABALHO: VALORES X OFÍCIOS;

Para dar início a esse subcapítulo, trago a reflexão sobre VALORES X OFÍCIOS. Relembro, novamente, a importância da experiência que tive na disciplina de Produção Cênica que me levou a entender que cada área em que atuo dentro de um trabalho com dança pode ser um “trabalho” diferente. A fim de ilustrar melhor o que quero dizer, trarei uma situação hipotética como exemplo, a seguir: sou professora de uma escola de dança e no final do ano sempre fazemos um espetáculo. Nesse processo de produção do espetáculo, eu faço as coreografias e leciono as aulas para meus alunos que vão se apresentar, para isso, recebo por hora/aula. Porém, eu também penso no figurino, procuro os tecidos, faço o cenário, faço contato com fornecedores, consigo patrocinadores, faço a divulgação do espetáculo, edito as músicas dos meus alunos, vendo ingressos, além de todo o trabalho que executo no dia do espetáculo na parte de organização. Mas, infelizmente, só recebo em dinheiro o valor daquelas horas/aulas que lecionei e todos os outros trabalhos relativos à produção cênica que fiz não foram contabilizados no meu cachê.

Anteriormente, referi as dificuldades que, em geral, se tem ao aferir valor a trabalhos com dança e outros a ela relacionados. Afinal, a dança é um trabalho que

exige conhecimentos específicos, o que a torna diferente de qualquer outro trabalho que não exija os mesmos conhecimentos específicos, por isso, deve ser tratada de forma diferenciada. Além da questão da diferenciação de outros tipos de trabalho, há a questão, como trago no exemplo anterior, referente às várias funções que o próprio artista/professor acaba fazendo para poder realizar sua produção. Pensando dentro de uma lógica capitalista industrial, o produto de uma fábrica, por exemplo, é a mercadoria (normalmente um objeto) que será colocada para venda no “mercado”. Então, como podemos denominar toda essa produção do artista que será colocada no mercado para consumo nos meios culturais? Também, dependendo da situação, poderá ser chamada de mercadoria, mas para esta diferenciação vou me amparar na teoria que Karl Marx (2013) desenvolveu em seu trabalho “O Capital”. Manifesto aqui a pretensão de não fazer aprofundamentos nessa teoria e no assunto que ela aborda, mas cabe citá-la para buscar explicações e trazer reflexões sobre o trabalho em/com dança.

Marx (2013), em sua teoria sobre mercadoria, para determinação de seu valor, explica que a **força produtiva de trabalho** (grifos meus) entra como componente nos elementos que definem o **valor de uma mercadoria**, porém na lógica capitalista industrial há uma padronização da valoração da força produtiva de trabalho.

[...] que é determinada por múltiplas circunstâncias, dentre outras pelo grau médio de destreza dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e de sua aplicabilidade tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais. [...] [...] A força de trabalho conjunta da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como uma única força de trabalho humana, embora consista em inumeráveis forças de trabalho individuais. Cada uma dessas forças de trabalho individuais é a mesma força de trabalho humana que a outra, na medida em que possui o caráter de uma força de trabalho social média e atua como tal força de trabalho social média; portanto, na medida em que, para a produção de uma mercadoria, ela só precisa do tempo de trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário [...] (MARX, 2013, p.162).

Esta consideração média de dispêndio de força de trabalho, para Marx (2013), tem uma distinção entre trabalho mais complexo e trabalho mais simples, tomada também por um processo social e por tradição, como explica:

[...] Ele é dispêndio da força de trabalho simples que, em média, toda pessoa comum, sem qualquer desenvolvimento especial, possui em seu organismo corpóreo. O próprio trabalho simples médio varia, decerto, seu caráter em diferentes países e épocas culturais, porém é sempre dado numa sociedade existente. O trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de modo que uma quantidade menor de trabalho complexo é igual a uma quantidade maior de trabalho simples [...] (MARX, 2013, p. 169).

Há um conceito de força de trabalho desenvolvido por Marx (2013), em que a própria força de trabalho que resulta num valor de uso é assim entendida: “[...] força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o complexo das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo [...]” (MARX, 2013, p. 312).

Dentro dessa perspectiva, trago a primeira análise dessas teorias abordadas até aqui para entender as minhas dúvidas em relação ao ofício de produtores culturais, ou de pessoas que trabalham com a produção cênica. Como já dito nos capítulos anteriores, eu sempre achei interessante a ideia de trabalhar com produção cênica, mas não conseguia vislumbrar o valor em dinheiro desse trabalho ou se realmente teria um espaço onde eu pudesse exercer essa função. Agora percebo que essa dúvida era resultado de uma comparação que eu fazia desses ofícios com, por exemplo, o de ser professora em uma escola estadual, como a minha mãe, ou de ser oficial de justiça, como o meu pai. De acordo com a teoria sobre mercadoria, um dos componentes que definem o valor de uma mercadoria é a força produtiva, e em uma sociedade capitalista industrial se faz uma padronização da valoração dessa força produtiva de trabalho. Ou seja, o trabalho de professora de história de uma escola estadual e o trabalho de oficial de justiça, são muito bem padronizados nessa sociedade em que vivemos, por isso, é tão fácil o entendimento do quanto essas pessoas irão receber no final do mês. Até porque são profissões do Estado, e são reguladas por estatuto de servidores públicos e não pela legislação trabalhista. Mas, para relacionar com profissões que são regidas pela legislação trabalhista, podemos comparar com uma professora de escola básica privada e um enfermeiro de hospital particular. Já o trabalho na área de produção cultural/cênica, não está, na maioria das vezes, na mesma categoria dessas profissões que citei,

nesse caso, pode haver a força de trabalho como mercadoria. Que irei explicar a seguir.

3.2.1 A FORÇA DE TRABALHO COMO MERCADORIA

Para existir essa força de trabalho como mercadoria, deverá haver o possuidor de dinheiro, para comprar essa mercadoria/força de trabalho, e esta força de trabalho só pode ser oferecida por quem seja livre e proprietário desta. Ou seja, somente o próprio realizador da força de trabalho pode oferecê-la no mercado, e para ser livre não pode ser oferecida para um tomador de forma perene, tem que ser temporária, para que não haja vínculo eterno. Pois, uma vez que se retira a característica de disponibilidade de quem oferece a força de trabalho, o vínculo se torna algo permanente e o proprietário dessa força de trabalho não a terá mais para oferecer no mercado (MARX, 2013, p.313).

A relação contratual entre o tomador e o vendedor da força de trabalho é explicada por Marx (2013):

[...] Ele e o possuidor de dinheiro se encontram no mercado e estabelecem uma relação mútua como iguais possuidores de mercadorias, com a única diferença de que um é comprador e o outro, vendedor, sendo ambos, portanto, pessoas juridicamente iguais [...] (MARX, 2013, p.313).

Um produtor cultural independente, a meu ver, dificilmente terá um vínculo perene com o possuidor de dinheiro, pois, como citado no subcapítulo 2.1, esse trabalho normalmente é viabilizado através de editais, e esses editais são feitos, comumente, com datas para início e para término. Então, o produtor cultural é o detentor da sua própria força de trabalho. Essa lógica também se aplica a bailarinos/ *performers*, que são contratados para shows e recebem por cachê, ou para professores de dança que oferecem workshops ou trabalham por temporada.

Para finalizar essa linha de raciocínio e, agora sim, relacionar ao relato da Egressa D, trazido no subcapítulo anterior, eu faço a pergunta: em qual desses tipos de trabalho as professoras de escolas de dança/ estúdios de dança, se encaixam? De acordo com o questionário, apenas uma das egressas que trabalham em escolas de dança tem a carteira assinada (CLT). Para comparar com a teoria da mercadoria de Marx, essa seria uma relação perene legitimada, onde a professora empregada

pela escola está assegurada de seus direitos trabalhistas. As outras professoras de escola que não têm carteira assinada se consideram “autônomas”. Então, seria a categoria autônoma uma equivalência a ter a força de trabalho como mercadoria? De acordo com a teoria, isso vai depender de ser uma relação perene ou não. Se essa professora já trabalha na mesma escola, por exemplo, há mais de dois anos, será que ela ainda possui a sua força de trabalho como mercadoria? Eu acredito que aí temos um exemplo de problema das relações trabalhistas informais, onde há um vínculo permanente do detentor da força de trabalho (professora) com possuidor do dinheiro (empresa/empregador), mas não há direitos trabalhistas respeitados.

Tendo em vista essas discussões e questões trabalhistas, importante que se conheçam alguns instrumentos que já existem e que podem nos ajudar como artistas e professores autônomos na legitimação dos nossos trabalhos. A Egressa E, que em sua resposta ao questionário elencou, em um resumo, suas horas de trabalho de acordo com as modalidades de trabalho dela, como mostrei no subcapítulo 3.1, disse que uma dessas modalidades trabalho era a modalidade MEI. Mas o que é isso? A MEI - Microempreendedor Individual é uma categoria jurídica criada pelo governo brasileiro em 2008, com o objetivo de formalizar e incentivar a atividade empreendedora no país. A regulamentação da MEI está prevista na Lei Complementar nº 128/2008 e é gerenciada pelo Portal do Empreendedor, que é uma plataforma online do governo federal que permite a abertura, alteração e encerramento de empresas de forma simplificada e gratuita. Para se tornar um MEI, é necessário realizar um cadastro no Portal do Empreendedor e pagar uma taxa mensal de aproximadamente R\$ 55,00 para o Governo Federal. Com isso, o empreendedor passa a ter direito a uma série de benefícios, como aposentadoria, auxílio-doença, salário-maternidade, entre outros²⁴. Em resumo, abre-se uma pequena empresa para regulamentar o trabalho como artista ou professor autônomo, ou os dois. A ideia, na nossa perspectiva em relação ao trabalho em dança, é como se você fosse o dono da empresa, quem trabalha para a empresa e também o produto dessa empresa, tudo ao mesmo tempo. Através disso, o trabalho passa a ter uma regulamentação, já contando para um fundo previdenciário, por exemplo, e, além disso, possibilita a inscrição em editais que é exigido CNPJ. Eu fiz

²⁴ Disponível em <<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/quero-ser-mei>> acessado em 06 ago. 2023.

a minha MEI durante o último semestre da graduação, pois já trabalhava de forma autônoma sem regulamentação. Ressalto que essa medida não é a solução para os problemas das relações de trabalho informais e que há várias discussões pertinentes que podem e devem surgir a partir disso.

Outro instrumento importante de se trazer ao corpo do texto, nesse momento, é a tabela de valores (pisos) disponível no site do SATED. Mesmo que, na prática, comumente, esses valores não são respeitados, é essencial que saibamos da existência desse documento como parâmetro e que busquemos cobrar os valores que nos são sugeridos por ele.

Salário Normativo - Dança²⁵:

Tempo de Atuação	Cachê por Apresentação
Iniciante	R\$ 275,00
3 anos	R\$ 300,00
5 anos	R\$ 400,00
7 anos	R\$ 500,00
10 anos	R\$ 650,00
Cachê de Bailarino(a)/Dançarino(a) por audição	R\$ 65,00
Cachê por apresentação em espetáculo	R\$ 300,00
Cachê por performance/intervenção	R\$ 350,00
Cachê de Bailarino(a)/Dançarino(a) por apresentação em temporada (3 apresentações)	R\$ 270,00
Cachê para performances em festas, bares e similares (2 intervenções no máx. 1hr + transporte e alimentação)	R\$ 250,00
Cachê para dança temática para empresas (+ transporte e alimentação)	R\$ 600,00
Cachê para strip-tease	R\$ 350,00

²⁵ Disponível em <<https://www.satedrs.org.br/piso-danca>> acessado em 06 ago. 2023.

Tempo de Atuação	Cachê por Apresentação
Cachê em shows (participação de no máx. 1hr + transporte e alimentação)	R\$ 300,00
Cachê por espetáculo/Pesquisa acadêmica	R\$ 250,00
Hora ensaio (Diurno)	R\$ 30,00 (Primeira hora de ensaio) R\$ 20,00 (Horas seguintes) Máx. de R\$60 por turno de ensaio (4hrs)
Hora ensaio (Noturno)	R\$ 40,00 (Primeira hora de ensaio) R\$ 30,00 (Horas seguintes) Máx. de R\$90 por turno de ensaio (4hrs)
Hora/Aula	R\$ 60,00
Direção cênica (Hora)	R\$ 143,00
Ensaíador(a) (Hora)	R\$ 88,00
Preparação corporal (Hora)	R\$ 99,00
Maitre (professor(a)) de dança (Hora)	R\$ 60,00
Oficina (Hora)	R\$ 187,00
Workshop (Hora)	R\$ 275,00
Eventos (Hora)	R\$ 150,00
Palestras, convenções e fóruns (Hora)	R\$ 300,00
Residência (90min)	R\$ 550,00
Júri de festivais (Hora)	R\$ 250,00
Diária de produção	R\$ 150,00
Remuneração Mensal	
(máx. 30h semanais. Lei Federal 6533/78)	
Direção	R\$ 5.500,00

Tempo de Atuação	Cachê por Apresentação
Coreógrafo(a)	R\$ 5.500,00
Assistente de Direção	R\$ 3.300,00
Ensaaiador(a)	R\$ 3.300,00
Bailarino(a)	R\$ 3.300,00
Produção	R\$ 2.500,00
Dançarino(a) de Salão	R\$ 1.507,06

Não tive a pretensão de esgotar o assunto valoração da produção em dança, mas busquei problematizar sobre o tema, trazendo aspectos da teoria de Karl Marx, para explicar as diferenças entre as forças de trabalho, relacionando com as respostas das egressas ao questionário e às minhas próprias interrogações. Por certo, ainda não consigo com exatidão dizer o quanto se deve pagar a uma pessoa, numa produção em que ela exerce múltiplas tarefas. Mas entendi que, pelo correto, todas as tarefas que essa pessoa realiza deveriam ser consideradas, para se chegar ao valor a ser pago pelo seu trabalho. Saliento que seguirei os estudos nesses aspectos teóricos, de modo a poder aprofundar tais questões, em futuras pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para dar início às considerações finais, trarei a citação de um trecho do Projeto Pedagógico do Curso de Dança da parte que diz respeito à área de atuação.

Face a esse contexto, espera-se que o Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS assuma, em alguns anos, um papel importante na consolidação de ensino da dança na escola básica. Considera-se, no entanto, que o campo de atuação do Licenciado em Dança suplanta o campo da educação básica, caracterizando-se por uma atuação em contextos educativos alternativos. Desse modo, a formação do professor de Dança proposta neste curso oferece condições para que este profissional possa criar alternativas de trabalho que contemplem o ensino da dança como meio de intervenção, educação e desenvolvimento artístico em diferentes segmentos da sociedade (UFRGS, 2012, p. 7).

Em busca de respostas e, principalmente, de exemplos reais de profissionais formadas pelo Curso de Licenciatura em Dança da UFRGS que eu fiz esse Trabalho. Fico contente com o fato de todas as oito egressas que responderam ao questionário dessa pesquisa terem afirmado que a dança é sua principal fonte de renda e com as relações que elas fizeram dos seus trabalhos com o Curso de Dança. Eu pude me ver nas respostas delas e me reafirmar no meu caminho profissional, agora, um pouco mais segura. Estou ciente que essas respostas não espelham todas as realidades de pessoas egressas do curso, mas, me aproximou dessas profissionais, de modo que eu pude compreender um pouco mais suas escolhas e suas formas de trabalho.

O campo de atuação do professor de dança na escola básica ainda é um campo em vias de consolidação. Assim como a legitimação e valorização dos trabalhos com/em arte/dança num geral. Como diz na citação anterior, também vejo o Curso de Dança da UFRGS como um importante instrumento para trilhar esse caminho.

Além das relações que pude tecer entre campo de trabalho e o currículo do Curso de Dança, encontrei um ponto de intersecção entre as respostas de algumas egressas e minhas vivências, que foram as conexões feitas na universidade como um meio de indicações para trabalhos. E a importância da vivência na universidade para além das disciplinas, o senso de comunidade e a consciência de classe.

Diante da experiência que tive como aluna, e como uma das conclusões que cheguei a partir dessa pesquisa, penso que seria de grande valor ter uma disciplina

Campo Profissional II mais para o final do curso, onde se retome os assuntos que são discutidos no Campo Profissional I, porém mais aprofundadamente.

Há diversas possibilidades de atuação a partir do Curso de Dança da UFRGS, como se pode perceber através da leitura desse texto. A vida no mercado de trabalho não é fácil, independente do curso que se escolhe na faculdade. Quando mais nova, eu tinha bastante presente a ideia de que há profissões que “dão dinheiro” e há profissões não dão. E me paralisava pensar assim, uma vez que sou artista e essa profissão não estava na categoria das que davam dinheiro. Porém, hoje penso diferente, principalmente depois dessa pesquisa de TCC. Acredito que não devemos romantizar situações de abuso em que achem que nosso trabalho com arte se paga “no amor”, precisamos de dinheiro como qualquer um nesse mundo capitalista, mas também não podemos sucumbir ao sistema que nos faz crer que nosso trabalho realmente não vale tanto assim. A busca por profissionalização, por formação, por informação, nos ajuda nessa batalha!

Para concluir, saliento que a escolha metodológica de fazer uma pesquisa exploratória qualitativa foi uma chave que me proporcionou liberdade, em termos de autonomia, de invenção do meu modo de proceder com este Trabalho. O tempo para se produzir um TCC é um tempo curto, mas foi possível delinear caminhos de pesquisa. O diálogo com as teorias de Karl Marx me possibilitou tecer as analogias necessárias para começar a compreender o trabalho em/com dança de maneira mais consciente. A partir da proximidade com essas teorias, foi sugerido por minha orientadora, Luciana Paludo, estudos futuros sobre as teorias de Pierre Bourdieu, uma vez que os conceitos que ele debate em “A Economia das Trocas Simbólicas” são preceitos que dão embasamento teórico para as Disciplinas de Produção Cênica e de Gestão em Projetos em Dança da UFRGS, além do fato de Pierre Bourdieu ter como uma de suas referências as Teorias de Marx, o que me interessa aprofundar em próximas pesquisas!

REFERÊNCIAS:

Articula Dança RS. Facebook, 2023. Disponível em: <<https://www.facebook.com/articuladancars/>> acessado em 07 ago. 2023.

ASGADAN. Associação Gaúcha de Dança, 2022. Disponível em: <<https://www.asgadan.com/>> acessado em 07 ago. 2023.

Bourdieu, Pierre, 1930-2002. A economia das trocas simbólicas / Pierre Bourdieu: introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. – São Paulo: Perspectiva 2007. – (Coleção estudos; 20/ dirigida por J. Guinsburg).

Brasil, Governo Federal. Governo Federal anuncia reajuste em bolsas de graduação, pós, iniciação científica e Bolsa Permanência. Gov.br, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2023/02/governo-federal-anuncia-reajuste-em-bolsas-de-graduacao-pos-iniciacao-cientifica-e-bolsa-permanencia#:~:text=Ser%C3%A3o%2053%20mil%20bolsas%20para,%24%20400%20para%20R%24%20700>> acessado em 03 ago. 2023.

Brasil, Governo Federal. Quero ser MEI. Gov.br, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/quero-ser-mei>> acessado em 06 ago. 2023.

Cardoso, Ruth. A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

Colegiado Setorial da Dança. Conselho Nacional de Política Cultural, 2023. Disponível em: <<http://danca.cnpc.cultura.gov.br/#:~:text=O%20Colegiado%20Setorial%20de%20Dan%C3%A7a,pelo%20Secret%C3%A1rio%20Geral%20do%20CNPC.>> acessado em 07 ago. 2023.

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA UFRGS. (Org.). Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_DAN/projeto_pedagogico.pdf> acesso em 01 ago. 2023.

da Silva, Heloisa Marina. "Atuar-produzir: desafios de artistas da cena frente à gestão de suas trajetórias." (2023).

Escola Preparatória de Dança. Cia Municipal de Dança de Porto Alegre, 2023. Disponível em: <<https://www.ciamunicipaldancapoa.com/escolapreparatoriadedanca>> acessado em 05 ago. 2023.

Luz, Arthur Bonfanti da. "Produtores culturais e instrumentalização: fluxograma dos processos de produção de um espetáculo de dança." (2018).

Mac, Diego. Biografia. LinkedIn, 2023. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/diego-mac-5a535524>> acesso em 01 ago. 2023.

Mapeamento da Dança no RS, 2023. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/mapeamentodancars>> acessado em 07 ago. 2023.

Marx, Karl. O capital – crítica da economia política – Livro I. Tradução: Rubens Enderle. Edição Digital Boitempo. 2013.

Moreira, Rui. Biografia. Portal Mud, 2023. Disponível em: <https://portalmud.com.br/portal/colunista/rui-moreira> > acesso em 03 ago. 2023.

Poffal, Jasmine Pereira. "Perfil dos egressos do curso de licenciatura em dança da UFRGS." (2015).

Praxedes, Marcus Fernando da Silva (org). Métodos mistos na pesquisa em enfermagem e saúde. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Rocha, Thainan da Silva. "Mercado teatral, formação e carreira: estratégias para viver de teatro em Porto Alegre (2010-2020)." (2022).

SATED. Salário Normativo - Dança, 2023. Disponível em: <<https://www.satedrs.org.br/piso-danca>> acessado em 06 ago. 2023.

SATED. Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <<https://satedrs.org.br/>> acessado em 07 ago. 2023.

Tolila, Paul. *Cultura e economia: problemas, hipóteses, pistas*. Itaú Cultural, 2015.

Tomazzoni, Airton, Cristiane Wosniak, and Nirvana Marinho. *Algumas perguntas sobre dança e educação*. Joinville: Nova Letra, 2010.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisa *Perspectivas de trabalho após graduação em Dança pela UFRGS* é um Trabalho de Conclusão de Curso que tem como propósito abordar questões de trabalho em/com Dança após a formação no Curso de Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para tanto, como metodologia de pesquisa, foi feito um formulário com perguntas dirigidas a egressas do curso de Licenciatura em Dança da ESEFID/UFRGS que já estão inseridas no mercado de trabalho a fim de tecer interlocuções sobre o assunto e entender as articulações e trajetórias feitas pelas mesmas.

Asseguro que a participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas que serão entrevistadas e que seu nome não será revelado no tratamento de dados e escrita do TCC. Como pesquisadora responsável por esta pesquisa, me comprometo a elucidar devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informação que eventualmente o participante venha a ter no momento da coleta de dados ou posteriormente pelo telefone (51) 99895-2492.

Sofia Cosme Silveira, 14 de julho de 2023.

Sofia Cosme Silveira
Pesquisadora responsável

Prof. Dr. Luciana Paludo
Orientadora

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu

_____,
RG n.º _____, concordo em participar desta pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante.

Dados da pesquisadora responsável: Sofia Cosme Silveira – graduanda em Licenciatura em Dança UFRGS. E-mail: sofiacosmesilveira@gmail.com

Dados do orientador: Luciana Paludo – bacharel e licenciada em dança, especialista em linguagem e comunicação, mestre em artes visuais; doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Professora do Curso de Dança e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da UFRGS. E-mail: lpaludo07@gmail.com

QUESTIONÁRIO:

Nome: *

Texto de resposta curta

Ano que se formou no Curso de Licenciatura em Dança na ESEFID/UFRGS: *

Texto de resposta curta

A dança é sua fonte de renda principal? *

Sim

Não

Você precisa de outro trabalho para complementar sua renda? (sem ser com dança) *

Sim

Não

Você faz trabalhos como: *

Professora

Bailarina

Gestora

Produtora

Coreógrafa

Diretora

Em qual modalidade de trabalho você se encaixa? *

- Autônoma
- Carteira Assinada (CLT)
- Servidora Pública (concurada)

* Este espaço é facultativo. Apenas se quiser, pode comentar sobre as últimas perguntas.
Ex: quantidade de lugares que precisa trabalhar com dança ou qual trabalho que complementa sua renda fora a dança.

Texto de resposta longa

Na universidade você recebeu aporte para a sua atuação profissional, que desenvolve hoje? *

Se sim, indique disciplinas e ocasiões específicas que ficaram registradas em suas memórias:

Texto de resposta longa

Quais foram as articulações necessárias que você realizou para se inserir no mercado de trabalho, logo após ter se formado em Dança? Você considera correta a afirmativa que muitas vezes fazemos trabalhos sem cachê para nos inserirmos no meio/cena? *

Texto de resposta longa
